



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA - CIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - HABILITAÇÃO EM LÍNGUA  
PORTUGUESA**

**IZABEL FERNANDES BARROS**

**O DESAFIO DO ESCREVER NA CONTEMPORANEIDADE: O QUE DIZEM OS  
DISCURSOS DE PROFISSIONAIS**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2013**

IZABEL FERNANDES BARROS

**O DESAFIO DO ESCREVER NA CONTEMPORANEIDADE: O QUE DIZEM OS  
DISCURSOS DE PROFISSIONAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Graduação em Letras, da Universidade  
Estadual da Paraíba, em cumprimento à  
exigência para obtenção do grau de Licenciado  
em Língua Portuguesa sob a orientação da Prof.<sup>a</sup>  
Dr<sup>a</sup> Maria de Lourdes da Silva Leandro

**CAMPINA GRANDE - PB**

**2013**

B277d

Barros, Izabel Fernandes.

O desafio do escrever na contemporaneidade  
[manuscrito]: o que dizem os discursos de profissionais /  
Izabel Fernandes Barros. – 2013.

**36 f.**

**Digitado.**  
**Trabalho de Conclusão de Curso**  
**(Graduação em Letras,**  
**com habilitação em Língua Portuguesa)**  
**- Universidade**  
**Estadual da Paraíba, Centro de**  
**Educação, 2013.**

“Orientação: Profa”. Dra. Maria De Lourdes da Silva  
Leandro, Departamento de Letras”.

1. Escrita 2. Comunicação 3. Escrita Digital I. Título.

21. ed. CDD 372.62

IZABEL FERNANDES BARROS

O DESAFIO DO ESCREVER NA CONTEMPORANEIDADE: O QUE DIZEM OS  
DISCURSOS DE PROFISSIONAIS

Aprovada em 16 de agosto de 2013

BANCA EXAMINADORA

Maria de Lourdes da Silva Leandro Nota 9,0

Profª. Drª. Maria de Lourdes da Silva Leandro / UEPB

(Orientadora)

Teresa Neuma de F. Campina Nota 9,0

Profª. Msª. Teresa Neuma Campina / UEPB

(1º Examinador)

Linduarte Pereira Rodrigues Nota 9,0

Profº. Drº. Linduarte Pereira Rodrigues / UEPB

(2º Examinador)

Média 9,0

## AGRADECIMENTOS

Oferto meus agradecimentos primeiramente a Deus, minha fortaleza, por quem estive sempre apoiada garantindo minha força, coragem e o desejo de superar todos os desafios encontrados durante o desenvolvimento deste trabalho. Agradeço também à minha mãe, Lucicleide, meu referencial profissional, de luta, de garra, quem me acompanhou durante a produção, me encorajando para que eu continuasse perseverando esta conquista.

Ao meu amado noivo, Rômulo, que desde o início da produção, com sua paciência e responsabilidade, tem me proporcionado auxílio e despertado meu interesse para que eu prosseguisse em busca de mais uma conclusão, mais uma “tarefa cumprida”, agradeço por seu amor e atenção.

Sou grata por meus amigos de curso: Marisa, Lidiane, Janaína, Fabiana, Edineide, Cleriston, Walter, entre outros, que alegraram minha vida durante toda a jornada acadêmica, juntos compartilhamos nossos planos intelectuais e profissionais.

A todos os professores do Curso de Letras, que compartilharam seus conhecimentos e contribuíram para minha formação.

Aos professores convidados para integrar a banca examinadora desta monografia, agradeço pela consideração.

À professora Maria de Lourdes da Silva Leandro, minha orientadora a quem admiro, com sua sabedoria e competência me guiou em todas as etapas deste trabalho, sua orientação me proporcionou o interesse em trilhar os caminhos da “curiosa” teoria da Análise do Discurso.

A todos, muito obrigada.

*“A entrada para a mente do homem é o que ele aprende, a saída é o que ele realiza. Se sua mente não for alimentada por um fornecimento contínuo de novas ideias que ele põe a trabalhar com um propósito e, se não houver uma saída por uma ação, sua mente torna-se estagnada. Tal mente é um perigo para o indivíduo que a possui e inútil para a comunidade.”*

***Jeremias W. Jenks***

## RESUMO

A prática do escrever é fato social que se funda nas necessidades da comunicação. No entanto, tem-se tornado alvo de discussões e até mesmo um desafio diante do grande avanço tecnológico. Por outro lado, há um consenso de que o conhecimento do escrever textos se restringe ao âmbito escolar, com a prática de um gênero escolar, funcionando, principalmente, como espaço para o domínio de regras gramaticais. Na verdade, o escrever textos circula nos meios sociais, atendendo a usos e funções reais da vida cotidiana e informatizada. Considerando esse contexto, realizamos entrevistas com sujeitos profissionais graduados e não graduados, com o objetivo geral de fornecer subsídios para contribuir com a discussão, no contexto do ensino, voltada para a relação entre a escrita e seu diálogo com a informatização. Como objetivo específico, pretendeu-se analisar os pontos de vista dos sujeitos profissionais acerca do modo como consideram a escrita digital contrapondo-a à escrita no papel. Tomando como perspectiva teórica, a Análise do Discurso (AD) de linha francesa, corrente de estudo que tem como objeto de estudo o *discurso* e suas categorias fundamentais, ressaltou que todos os sujeitos entrevistados, apesar de exercerem funções bem distintas umas das outras em seus ambientes profissionais, apresentam uma mesma concepção de escrita, revelando confrontos e reflexões sobre o valor da escrita manual e da escrita digital.

**Palavras-chave:** Discurso. Formação Ideológica. Posições-sujeito. Escrita Manual versus Digital.

## ABSTRACT

Writing is a social fact that is based in the necessity for communication. However, it has raised many discussions about the challenge of new technologies. Notwithstanding, there is a consensus that the knowledge of writing texts is restricted to school environment by means of the practice of a school genre that establishes a place to the performance of grammar rules. But, in fact, the writing practice spreads in social networks by taking into account uses, and actual functions of everyday technology-based life. By considering it, we interviewed some graduate and nongraduate professionals in order to substantiate the discussions concerning the context of teaching involving the act of writing, and its dialogue towards the information technologies. Specifically, we intend to analyze the interviewed professionals' standpoints as to how they consider the digital writing in contrast to traditional writing. In order to do it, this very work takes the French discourse analysis, which is a trend that aims to analyze discourse and its fundamental categories, as a theoretical perspective. In spite of the different fields of professions, the individuals interviewed share the same conception of writing that reveals conflicts and reflections concerning the value of handwriting and of digital writing.

**Key words:** Discourse, Ideological Formation, Positions-Individual, Handwriting vis-à-vis Digital Writing.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	08
<b>CAPÍTULO I: ABORDAGEM TEÓRICA</b> .....	11
1.1 NOÇÃO DE DISCURSO E DE LÍNGUA(GEM) NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO .....	11
1.2 FORMAÇÃO DISCURSIVA .....	12
1.3 A MEMÓRIA DISCURSIVA E A MEMÓRIA METÁLICA .....	13
1.4 SUJEITO E POSIÇÕES DE SUJEITO .....	14
1.5 LETRAMENTO COMO PRÁTICA SOCIAL .....	16
1.6 A ESCRITA E SUAS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS .....	18
<b>CAPÍTULO II: DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	20
2.1 NATUREZAS DA PESQUISA .....	20
2.2 OS SUJEITOS .....	21
2.3 A ESCOLHA DA QUESTÃO CONTEMPLADA NA ENTREVISTA .....	21
<b>CAPÍTULO III: ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	22
<b>3.1 As condições da prática do escrever na sociedade</b> .....	22
<b>3.1.1 Sujeito I – Profissional graduado (advogado criminalista)</b> .....	22
<b>3.1.2 Sujeito II – Profissional graduado (administrador bancário)</b> .....	23
<b>3.1.3 Sujeito III – Profissional não graduado (repcionista)</b> .....	25
<b>3.1.4 Sujeito IV – Profissional não graduado (serviços gerais)</b> .....	27
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	29
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	31
<b>APÊNDICES</b> .....	32

## INTRODUÇÃO

A escrita, entendida como um sistema de código traz como herança da corrente estruturalista a concepção de língua enquanto forma. Esta concepção influenciou, no ensino da escrita, o foco nas normas gramaticais como condição suficiente e fundamental para se adquirir conhecimentos. Além do mais, há um consenso de que a prática do escrever se limita apenas ao âmbito escolar. Esses saberes circulam entre a escola e a sociedade brasileira de todos os tempos. Nesse sentido, quando se pergunta a alguém sobre o papel da escrita na sociedade de hoje, este responde, geralmente, que é de grande importância a necessidade de se obedecer às regras gramaticais, caso contrário, a escrita é considerada, como sendo “falha”, de “má qualidade”. Por este modo de pensar não há uma aceitação, de modo geral, para as “mudanças” e/ou múltiplas formas de escrita existentes hoje, como é o caso da escrita digital, utilizada no computador.

Sabe-se que a concepção, acerca da escrita, mencionada acima, não atende à dinamicidade da língua, ou seja, não atende às expectativas dos sujeitos sociais para que haja uma intercomunicação adequada entre os diversos usos que se faz da escrita. Por outro lado, a diversidade, hoje, de funções sociais que exigem o uso da escrita, não impede que a escrita formal, construída através de normas que direcionam o uso da língua padrão, caracterizada por regras já estabelecidas, seja a mais praticada e cobrada pela sociedade. Em vista disso, a escrita sempre se revela como um domínio complexo e desafiador para o homem (seja na escola e/ou na sociedade), pois poucos são os que conseguem transitar, com facilidade, por esse “quebra-cabeça” de normas.

Considerando, de um lado, o domínio, instaurado na sociedade, acerca do escrever, conforme as normas rígidas da escrita formal, e, por outro lado, a disseminação de usos da escrita, cada vez mais múltiplos e desafiadores, quanto às formas de realização, nos motivamos a investigar o que essa realidade social, quanto à escrita, pode contribuir para discussões já iniciadas, acerca desses lugares que caracterizamos como escrita da tradição manual, no papel, e a escrita digital.

Para isso, realizamos um questionário com profissionais da sociedade campinense, com a finalidade de levantar um *corpus* para garantir subsídios contedutísticos à proposta da pesquisa<sup>1</sup>. A pesquisa se constitui de um questionário acerca da prática do escrever ‘fora’ da

---

<sup>1</sup> Esse trabalho tem como referência o *corpus* constitutivo da pesquisa desenvolvida no Projeto de Iniciação Científica: (PIBIC/CNPq), “A prática da escrita ‘fora’ da escola: o que dizem os discursos nas narrativas de sujeitos profissionais”, Cota 2011.2/2012.1, da qual fui contemplada como aluna colaboradora para participar da pesquisa coordenada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria de Lourdes da Silva Leandro.

escola. Dez (10) profissionais, de distintas funções sociais, participaram de questionário, dentre os quais, foram selecionados quatro (4) para compor o *corpus* restrito de nossa análise, sendo dois (2) profissionais graduados e dois (2) não graduados.

Para fundamentar o estudo desenvolvido nesse trabalho, utilizamos como contribuição teórica a Análise do Discurso de linha francesa, que apresenta como objeto de estudo o *discurso* e suas categorias. Para essa corrente teórica, a língua é tida como um acontecimento social e histórico, funcionando pelos sujeitos e para os sujeitos que a usam. Sistema este que materializa *discurso* em forma de texto, o que garante, segundo Orlandi (2007), efeitos de sentidos entre os sujeitos, sentidos e sujeitos constituídos pelo social, pela história e pela ideologia. Considerando a natureza do objeto de estudo desse trabalho, propomos o seguinte problema para o direcionamento de nossa análise: *O que revelam os dizeres de pessoas da sociedade, sobre sua experiência pessoal com a prática da escrita, situando-a na sua experiência profissional?* Para responder a esta pergunta, temos como objetivo geral discutir o processo do escrever e seu diálogo com a informatização a partir dos dizeres dos sujeitos envolvidos. E, como objetivo específico, interpretar os pontos de vista desses sujeitos profissionais acerca do modo como consideram a escrita digital contrapondo-a à escrita manual.

Consideramos, portanto, que essa análise pode trazer uma contribuição significativa para o futuro do ensino da produção textual, no qual, deverão ser repassadas ao educando as diversas maneiras de se praticar a escrita, suas variadas formas de uso, deslocando a ideia de que a escrita é uma mera representação das regras do “bem” escrever. Além do mais, poderá contribuir para a compreensão de que a escrita revela o lugar e posições-sujeito em que os discursos, atravessados por ideologias, se materializam gerando efeitos de sentidos no texto. Essa contribuição justifica-se, tendo em vista que é por meio dos discursos revelados por esses profissionais, quanto à prática de produção de textos, incorporados às atividades em seus ambientes de trabalho, que a escrita tem-se transformado em atividade sócio interativa que facilita o desenvolvimento científico, tecnológico e psicossocial da sociedade, deixando de lado a tradição de que a escrita só “funciona” na escola e para a escola (GERALDI, 1997).

Este trabalho encontra-se organizado em três capítulos: o capítulo um (I) apresenta as concepções teóricas norteadoras da pesquisa, ou seja, uma explanação de conceitos da teoria Análise de Discurso de linha francesa e suas noções sobre *discurso*, *formação discursiva*, *formação ideológica*, *memória discursiva*, *sujeito discursivo* e *posições-sujeito*, assim como noções sobre *letramento* e *escrita*. O capítulo dois (II) apresenta uma descrição metodológica de como foi desenvolvida a análise. O capítulo três (III) é direcionado à análise do *corpus*:

recortes de um questionário seguido de respostas pessoais, objetos da nossa análise. Constam também como partes integrantes deste trabalho esta introdução, considerações finais, referências bibliográficas e os apêndices.

## CAPÍTULO I: ABORDAGEM TEÓRICA

Concentramos, neste capítulo, algumas considerações sobre a Análise do Discurso de linha francesa (AD), corrente teórica iniciada nos anos 60 do século XX, a qual elegemos para fundamentar o nosso objeto de análise: o lugar da escrita manual na visão de profissionais. A partir desse dado, objetivamos interpretar os pontos de vista dos profissionais graduados e não graduados analisando, no discurso constitutivo de suas respostas, o modo como compreendem a prática do escrever na sua vida cotidiana profissional, diante da instauração da escrita digital.

Nesta breve explanação teórica, procuramos fornecer subsídios às reflexões a que nos propomos levantar, acerca da leitura que realizamos das entrevistas selecionadas, nas quais recortamos o *corpus* de referência para a análise.

### 1.1 Noção de discurso e de língua(gem) na perspectiva da Análise do Discurso

Diferentemente da Linguística estrutural que trabalha a língua como um sistema fechado (sistema de signos ou sistema de regras formais), a Análise do Discurso de linha francesa é uma teoria política da leitura que aborda como objeto de estudo o *discurso*, ou seja, busca compreender a língua fazendo sentido para o homem (sujeito social) afetado pelo histórico e pelo simbólico, atravessado pela ideologia e pelo inconsciente. Para a Análise do Discurso (AD), a língua não é vista enquanto um sistema abstrato, mas como a língua no mundo, associada à sua exterioridade. Por essa direção, ao contrário do que se entende das acepções advindas do senso comum, *discurso* não é a fala, não é a língua(gem), nem texto, mas precisa de todos esses elementos linguísticos, para ter existência material e real. Segundo Fernandes (2007, p.18), “discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística.” Sendo assim, tem-se o discurso como a prática de produção de sentidos, situada sócio-histórica e ideologicamente.

Para a AD, a linguagem não é transparente, mas opaca e com múltiplos efeitos de sentidos, além disso, o que se questiona na AD não é o que o texto significa, mas o como este texto significa. Conforme afirma Orlandi (2007, p.22), “O discurso tem sua regularidade, tem o seu funcionamento que é possível apreender se não opomos o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto.”

Diante do exposto, verifica-se que o *discurso* é um fenômeno exterior à língua, no entanto, necessita desta para ter uma existência material, a língua por sua vez, funciona como uma condição/possibilidade do discurso, ou seja, passa por constantes transformações que

visam atender às necessidades dos sujeitos que a utilizam em diversificados contextos sócio-histórico e ideológicos.

## 1.2 Formação Discursiva

Para compreender a noção de discurso, no contexto da Análise de Discurso, como um processo de produção dos sentidos que leva em conta os contextos social, histórico e ideológicos em que ocorre essa produção, faz-se necessário trazer a noção de formação discursiva (FD). Esta é definida, segundo Orlandi, (2008, p.58), “como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito”. Então, podemos afirmar, de acordo com Mussalin (2006), que uma formação discursiva é regida por uma formação ideológica. Entendemos assim, formação ideológica como “um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem individuais nem universais, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas em relação as outras”. (HAROCHE *et al*, 1971, p.102, citado por BRANDÃO, 2004, p.47).

Assim, uma formação discursiva é constituída pelo entrecruzamento de formações ideológicas e por diferentes discursos que ficaram dispersos ao longo da história, discursos esses que se contrastam, e que são ditos somente em determinada época e espaço social. Nesse sentido, Dantas (2007) explica que cada indivíduo, falante de uma língua natural, desenvolve-se intelectualmente em diferentes lugares sociais, o mesmo apresenta seu discurso de acordo com o seu ambiente cultural. Estes discursos não são únicos, mas heterogêneos, são sistemas culturais nos quais, cada falante caracteriza discursivamente como formações discursivas que sofrem transformações, e são suscetíveis de conflitos, permitindo, assim, compreender o processo de produção dos sentidos e manter uma relação com a ideologia.

O mesmo autor (*op.cit*) argumenta que “uma formação discursiva se refere a um dizer anterior e sofre determinações de sua exterioridade, que o constrange a dizer certas coisas em determinados lugares” (DANTAS, 2007 p.53). Podemos, então, entender que uma FD determina realmente o que se pode e o que se deve dizer em determinadas circunstâncias. Nesse sentido, percebemos que ocorre a formação de diferentes discursos, integrando-se os processos de formação e transformações sociais, próprios à existência do homem, como um controle discursivo.

Diante disso, pode-se dizer que uma FD não é homogênea, pois não possui um espaço fechado, pelo contrário, “apresenta elementos vindos de outras formações discursivas que, por

vezes, contradizem, refutam-na”, (FERNANDES, 2007, p.51), indicando sua heterogeneidade. Para esse estudioso (*op.cit*), o conceito de FD resume-se nesses termos:

Formação discursiva refere-se ao que se pode dizer somente em determinada época e espaço social, ao que tem lugar e realização a partir de condições de produção específicas, historicamente definidas; trata-se da possibilidade de explicitar como cada enunciado tem o seu lugar e sua regra de aparição, e como as estratégias que o engendram derivam de um mesmo jogo de relações, como um dizer tem espaço em um lugar e em uma época específica. (FERNANDES, 2007, p. 64).

Para melhor compreender essa argumentação apresentada por Fernandes (2007), é importante explicar a noção de unidade e dispersão, ambas são conceitos integrantes da noção de FD.

A noção de unidade está ligada à noção de dispersão, pois, como afirma Foucault, (citado por FERNANDES, 2007 p.55) “todo discurso resulta de um já dito não sabido, apagado, e esse já-dito é sempre um jamais-dito”. Ou seja, os discursos que já foram ditos estão no domínio da dispersão, pois os mesmos foram esquecidos e permanecem apagados, perdidos no tempo, devido às transformações histórico-sociais que ocorrem. Porém, esses já-ditos (que são os discursos dispersos) aparecem novamente re-significados em um jamais-dito, e isso é que dá unidade ao discurso.

Portanto, parafraseando as palavras do mesmo autor (*op.cit*), unidade e dispersão estão envolvidas, não se opõem, pois no interior de uma FD encontram-se elementos que já existiram em diferentes espaços sociais, em outros momentos na história, mas que se fazem presentes sob novas condições de produção, introduzindo novo contexto histórico, e conseqüentemente, possibilitando o aparecimento de outros efeitos de sentido. Esse movimento de produção de discursos (sentidos) instaura-se na memória discursiva.

### 1.3 A memória discursiva e a memória metálica

Na teoria da AD, a noção de *memória discursiva* é tratada como interdiscurso, constituída pelo já-dito possibilitando a resignificação dos sentidos das palavras. Não se trata de lembranças do passado e/ou recordações, mas fundamenta a existência sociocultural dos sentidos, movimento social, uma memória coletiva, como um arquivo de memória de longo prazo, de compreensão e resgate. Podemos afirmar, segundo Fernandes (2007, p.65) que “trata-se de uma interdiscursividade, refletindo materialidades que intervêm na sua construção”. Por fazer parte da produção do discurso, a *memória discursiva* é o que torna possível todo dizer, sustenta e historiciza cada palavra possibilitando o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e a ideologia.

Considerando a natureza de nosso objeto de estudo – texto escrito de função social, profissional – que traz para a discussão o fato de que o sujeito, hoje (século XXI), convive com múltiplas formas de materializar o discurso na língua, devido ao advento da tecnologia, faz-se necessário a distinção entre memória histórica (interdiscurso) e a memória metálica (a informatização de arquivos), logo, não são equivalentes em suas ordens. Segundo Orlandi, “... *Um texto produzido em computador e um outro produzido a mão são distintos em sua ordem porque as memórias que os enformam são distintas em suas materialidades: uma é histórica e a outra formal...*”(ORLANDI, 2007, p. 15).

Identificamos a memória metálica como um saber discursivo, linear, reduzido a um conjunto de informações sem distinções de posições, seu gesto de interpretação encontra-se “fora” da história, como uma fórmula, rearranjo. Apresenta extensão ilimitada, produzindo sempre o mesmo em sua variação e em suas combinatórias. Orlandi afirma que, a informatização, isto é, a prática da escrita de textos no computador, transforma efetivamente a relação do autor com sua escrita, em função da mudança da materialidade da memória discursiva.

Por seu turno, a memória histórica possui sua produção de sentido através do equívoco, isto é, permite a abertura do sentido a outros sentidos, instaura a ressignificação de sentidos já ditos, movimentos dinâmicos dos discursos que produzem o lugar de interpretação do sujeito em meio a outros. E, nesse sentido, o lugar de autoria se reveste de uma outra ordem: o sujeito só se faz autor, conforme comenta Orlandi (2007, p. 70), se o que ele produz for interpretável. E esse processo se dá, quando o sujeito se instaura na língua, em movimentos dinâmicos de subjetivação em relação a outro(s), porque este é um modo de produção de sentidos, como trabalho histórico da constituição da interpretação, processo que não se realiza em um contexto de produção do saber discursivo linear, produzido pela memória metálica. isto porque “... a história se inscreve na língua que esta significa...” (ORLANDI, 2007, p.70). A língua é sujeita a falhas e limitada em seus meios, produzindo o possível.

Dessa maneira, a mudança da materialidade da memória discursiva resulta em determinadas diferenças nos processos de significação. Portanto, os textos diferem quanto à natureza da memória, uns ligam-se à história, os outros à competência técnica. Muda-se também, a função-autor, logo, há uma transformação na relação do sujeito com a linguagem.

#### **1.4 Sujeito e posições de sujeito**

A noção de sujeito tem ocupado um amplo espaço nas discussões da Análise de Discurso, não como um sujeito empírico, particular, individualizado, mas como um sujeito discursivo que, como diz Fernandes (2007), deve ser considerado como um ser social, constituído na coletividade, em conjunto. Diferentemente do sujeito trabalhado na Linguística, ele não se origina em si, caracterizado pela homogeneidade e unicidade, mas resulta da interpelação da ideologia, como um ser essencialmente histórico. Ou seja, um sujeito inserido em uma conjuntura sócio-histórico-ideológica, constituído por diferentes vozes sociais.

A existência dessas diferentes vozes denomina-se *polifonia* “um dos lugares de se observar a relação entre as diferentes formações discursivas e a constituição do texto em sua unidade” (ORLANDI, 2008, p. 58). Trata-se de diferentes vozes que integram a voz de um *sujeito*, cuja denominação se deu, originalmente, cunhada, segundo Fernandes (2007), pelo linguista e filósofo russo Mikhail Bakhtin (2000), que se dedicou a verificar as diversas vozes, presentes em produção literária. Esse estudioso percebeu que o *discurso* revela interação entre os sujeitos através de vozes socialmente organizadas possibilitando o estabelecimento de relações sociais. É, portanto, através do conceito de que o *sujeito discursivo* é polifônico que se concretiza sua constituição, como sendo atravessada por uma pluralidade de vozes.

Ao considerar o discurso como prática de produção de sentidos, construídos em um contexto histórico-social, a Análise do Discurso acrescenta a noção de sujeito, cuja voz revela o lugar social, a posição em que está inscrito, além de esse lugar revelar também um conjunto de outras vozes, de outros sujeitos inscritos no mundo, lugar social e ideológico em um dado momento da história resultando dizer que, o *sujeito discursivo* funciona pelo inconsciente, pela ideologia e, por ter essa existência em um espaço social e ideológico, assim como ser constituído por outras vozes sociais, é que não se pode considerá-lo como sendo homogêneo, logo, em seu discurso, constitui-se um entrecruzamento de diversos discursos “de discursos em oposição, que se negam e se contradizem” (FERNANDES, 2007, p. 36). Nesse sentido, tanto o discurso quanto o sujeito são heterogêneos.

Um modo de afirmar essa heterogeneidade é observar que o texto é atravessado por múltiplas posições do sujeito que correspondem às variadas formações discursivas. Visto que este é um ser que divide o espaço discursivo com o outro, Brandão afirma:

Podemos ver, de maneira evidente, a manifestação dessa heterogeneidade na própria superfície discursiva, através da materialidade linguística do texto, de formas marcadas que vão das mais explícitas às mais implícitas, das mais simples às mais complexas. (2004, p. 60).

A heterogeneidade discursiva que a autora (*op.cit*) afirma acima é subdividida por Authier-Revuz (citado por FERNANDES, 2007) em duas formas: a primeira é a

heterogeneidade constitutiva: a voz do outro se apresenta de forma implícita, visto que todo discurso resulta na dispersão de diferentes discursos no meio social. E a segunda é a heterogeneidade mostrada: a voz do outro é expressa de forma explícita no discurso do sujeito, sendo possível ser identificada na materialidade linguística. Nesse sentido, esta marca da heterogeneidade do sujeito discursivo, implica em afirmar que o mesmo é descentrado, não é a fonte do seu dizer, pois tudo o que o sujeito diz já foi dito por alguém em outro lugar.

Essa noção de descentramento do sujeito é entendida nas reflexões de Pêcheux (1975, citado por ORLANDI, 2007), que apresenta dois tipos de esquecimento do sujeito no discurso: o esquecimento número dois, que diz respeito à ilusão que o sujeito tem de controlar o que diz nos fazendo acreditar que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo, de modo que pensamos que, o que dizemos só pode ser dito daquela maneira e não de outra. E o esquecimento número um, chamado também de esquecimento ideológico. Com relação a este, o sujeito tem a ilusão de controlar os sentidos do seu dizer. Orlandi (2007, p. 35) afirma que: “por este esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos preexistentes”. Mas é dessa forma que nossas palavras adquirem sentidos, se significam, nesses movimentos de sentidos e sujeitos, significando sempre de muitas e variadas maneiras. Portanto, reafirmamos que o sujeito discursivo é descentrado, ou seja, não é o centro organizador da enunciação, mas necessita dessas ilusões para que a linguagem funcione nos sujeitos e na produção de sentidos.

O caráter heterogêneo do sujeito discursivo nos leva a outra noção, a de identidade, conforme Fernandes (2007, p.45) “é compreendida como plural, não fixa, está sempre em produção constituinte da cultura e dos sistemas simbólicos que a compõem”. Para a Análise de Discurso, é através da formação discursiva que todo sujeito se reconhece, ou seja, a formação discursiva é o lugar de constituição do sentido e da identificação do sujeito. Como bem argumenta Pêcheux: “aí está a condição do famoso consenso intersubjetivo (a evidência de que ‘eu’ e ‘tu’ somos sujeito) em que, ao se identificar, o sujeito adquire identidade” (1975, citado por ORLANDI, 2008, p.58).

Esse recorte teórico contribuirá na análise de nossos estudos na medida em que focaremos os discursos que se evidenciam no *corpus*, na constituição dos sentidos e dos sujeitos, não como um sujeito totalizante e homogêneo, mas a identidade deste sujeito constituída pela heterogeneidade e seus múltiplos discursos embasados pelos mecanismos ideológicos e, por sua materialidade linguística.

Considerando-se, nesse contexto teórico, tanto o lugar do sujeito como o das práticas sociais de escrita, constituídos pela heterogeneidade discursiva, precisamos situar

teoricamente a escrita dos profissionais, objeto de nosso estudo, no contexto do processo de letramento.

### 1.5 Letramento como prática social

Recém-chegado ao vocabulário da Educação e das ciências linguísticas, o *Letramento* é a denominação dada a um fenômeno que envolve a ação de “letrar” e/ou “tornar letrado”, resumidamente, resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita, classificando-se em diferentes tipos e níveis, de acordo com o contexto social, cultural, do meio. Segundo Tfouni (2002, p. 20) “o letramento focaliza os aspectos sócio históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade”. Tornou-se produto do desenvolvimento do comércio, da diversificação dos meios de produção, da agricultura e das transformações históricas.

Além disso, o fenômeno do letramento assume concepções distintas que envolvem a prática da escrita. Fala-se do modelo de *letramento autônomo* e o modelo de *letramento ideológico*, diferentes práticas de letramento com características em que escrita, compreensão e interação se inter cruzam.

Com relação aos modos de letramento abordados, entende-se que o *modelo autônomo* possui funcionalidade/desenvolvimento em si mesmo, ou seja, neste modelo a escrita funciona de forma autônoma, um produto completo em si próprio, independente, não se encontra preso ao contexto de sua produção para ser compreendido. Kleiman (1995, p.21) afirma que “Esse é o modelo que hoje em dia é prevalente na nossa sociedade e que se reproduz, sem grandes alterações, desde o século passado, quando dos primeiros movimentos de educação em massa.” A autora também considera o modelo autônomo como “responsável” pelo fracasso do analfabetismo pertencente ao grande público pobre e marginalizado. Logo, o modelo não considera as práticas de letramento adquiridas pelos indivíduos antes do ingresso escolar.

Quanto ao *modelo ideológico*, a noção de letramento contempla uma variação de contextos, delineados através de práticas múltiplas, sociais e culturais. Resumindo, um letramento dependente dos contextos e das instituições em que foi adquirido. Neste modelo de letramento, percebe-se o avanço e o desenvolvimento nas práticas de letramento por alguns e outros não. Diferentemente do modelo autônomo, não se trata de habilidades técnicas, neutras, atreladas a princípios epistemológicos, como por exemplo, quando se trata de um texto, para o qual se considera a forma, o modo de organização de palavras e parágrafos,

elementos textuais, etc., mas trata-se de considerar a prática da escrita nos contextos das questões culturais, cognitivas e sociais não adotadas pela escola.

Soares (2009, p.64), por exemplo, diz que “definir letramento com precisão é especificar critérios confiáveis para avaliá-lo e medi-lo – é uma questão bastante controversa”. Ou seja, o conceito de letramento é complexo, não podendo existir apenas uma definição, uma vez que letramento envolve dois diferentes processos: leitura e escrita. Assim como sua difícil definição, uma avaliação e medição para distinguir pessoas letradas de pessoas não alfabetizadas ou até mesmo para estabelecer seus diferentes níveis tornam-se meios complicados e de condições imprecisas. O grau de letramento pode variar conforme sistemas escolares educacionais de países desenvolvidos e países em desenvolvimento, assim como o *status* social e/ou econômico da sociedade. Para Soares:

O letramento é uma variável contínua e não discreta ou dicotômica; refere-se a uma multiplicidade de habilidades de leitura e de escrita, que devem ser aplicadas a uma ampla variedade de matérias de leitura e escrita; compreende-se diferentes práticas que dependem da natureza, estrutura e aspirações de determinada sociedade. (2009, p. 112).

Para a autora, não se deve utilizar um único conceito para justificar letramento, mas argumentos com fins teóricos e práticos que possibilitam a importância sobre esse fenômeno que, ao longo do tempo, sofre transformações.

## **1.6 A escrita e suas transformações sociais**

Ao longo dos séculos, a escrita tem ocupado um lugar de poder na sociedade, pois se trata de um dos instrumentos principais no jogo de dominação, participação e exclusão, o que caracteriza ideologicamente as relações sociais. Costuma-se dizer que a escrita é o principal evento em atividade humana como produto cultural, a mesma se integra ao desenvolvimento social, cognitivo e comunicativo dos povos. Como afirma Tfouni, (2002, p.14) “... a escrita pode ser tomada como uma das causas principais do aparecimento das civilizações modernas e do desenvolvimento científico, tecnológico e psicossocial da sociedade nas quais foi adotada de uma maneira ampla...”. Ou seja, trata-se de uma atividade sócio-interativa que permeia hoje quase todas as práticas sociais, embora, tenha surgido após o desenvolvimento da oralidade.

A escrita, associada a contextos básicos do cotidiano, apresenta em paralelo com a oralidade, ênfase e objetivos variados e diversos. Apesar desse dado social, a modalidade da língua, referente à escrita, ocupa, hoje, séc. XXI, um lugar de *status* mais elevado do que a

modalidade oral, segundo estudiosos, e, nesse lugar, a modalidade escrita faz uso de rígidas normas/regras gramaticais, o que causa críticas, e reavalia seu lugar nas sociedades contemporâneas. Contudo, razões históricas existem para justificar o motivo pelo qual a escrita sistemática, regrada, é tão valorizada, vista pelo homem como capaz de expressar o que pensamos.

Na vida, há passagens culturais (transformações) na sociedade que modificam também, a escrita. Hoje, séc. XXI há uma transformação da cultura escrita para a cultura eletrônica. Com o surgimento dos avanços tecnológicos, a sociedade tende a evoluir conforme o tempo e o espaço, um novo contexto de comunicação surge e com ela também, novas características, falamos da *comunicação eletrônica* que possui grande proximidade/semelhança com o contexto da comunicação oral. Além do tempo de transferência que é imediato, englobam-se características conversacionais (oralidade), desvinculam-se as normas gramaticais e cria-se uma informalidade com simulação quase idêntica a da língua falada. Nesse caso, as trocas de palavras são cada vez mais rápidas, sem perda de tempo. Isso faz com que haja necessidades de se criar abreviações, símbolos e sinais dos mais diversos para facilitar a comunicação.

Essa modalidade de escrita é considerada como um novo lugar de inscrição do sujeito, dos discursos, dos sentidos, outro espaço de circulação dos interdiscursos, caracterizando outra memória social, a *memória metálica* ligada à competência técnica. Trata-se de uma nova realidade social que interfere nas atividades cotidianas, trazendo transformações em termos culturais e em novas formas de processos de letramento, além de se constituir em uma nova evolução dos padrões gramaticais estabelecidos, desafiando, evidentemente, o ensino de Língua Portuguesa quanto à prática da escrita que ainda se desenvolve conforme os moldes tradicionais das regras da escrita formal.

Nesse sentido, não só a escrita digital, mas também a escrita manual são instrumentos de poder utilizados, hoje, em larga escala nas práticas sociais languageiras. Consideramos, então, que é o contexto do letramento, o aporte teórico mais pertinente para situarmos as práticas de escrita dos sujeitos profissionais, envolvidos na pesquisa, fonte geradora do *corpus* de nossa análise.

## CAPÍTULO II: DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Apresentamos nesse capítulo que se segue os procedimentos metodológicos que subsidiaram a pesquisa, os quais fundamentaram os objetivos propostos a investigar. Além disso, justificamos a escolha dos sujeitos e da questão contemplada na entrevista realizada para a obtenção do *corpus*.

### 2.1 Natureza da Pesquisa

Mediante pesquisa<sup>2</sup>, realizada acerca da prática do escrever textos “fora” do ambiente escolar, sob o ponto de vista de profissionais graduados e não graduados de áreas distintas, nossa análise se caracteriza como sendo de perspectiva interpretativista (qualitativa). Forma inovadora de investigação, proporcionando um modo adequado de produzir conhecimento nas ciências sociais, isto porque os significados que a caracterizam são construídos pelo homem que interpreta e re-interpreta o mundo a sua volta, o que comprova não haver uma realidade única. Assim, nessa perspectiva, leva-se em consideração o fato de os dados serem de natureza qualitativa e subjetiva, possibilitando a contribuição de conhecimentos reflexivos em torno da atividade de escrita como sendo instrumento “responsável” à vida social.

Por ser uma pesquisa de natureza qualitativa, o objeto que interpretamos no processo do escrever textos na sociedade, requer que as questões propostas no estudo qualitativo sejam investigadas no ambiente no qual se apresentam as práticas de escrita sendo, portanto, todo o processo de coleta dos dados da pesquisa, de grande importância para a geração e caracterização dos dados.

Para Moita Lopes (1994), na pesquisa interpretativista, a investigação sempre se refere à pluralidade de vozes em ação do mundo social, e podem envolver questões de poder, ideologia, história e subjetividade, “o significado é construído socialmente” (MOITA LOPES, 1994, p. 331). Sendo assim, ao realizarmos a análise das entrevistas dos sujeitos profissionais, procuramos demonstrar como os sentidos são produzidos, revelando a interpretação dos vários significados que os constituem.

Assumimos, assim, que nossa pesquisa é de natureza subjetiva “entendida como um modo particular de organizar a experiência humana por meio do discurso, sendo, portanto, uma construção social” (MOITA LOPES, 1994, p. 333). Desse modo, fundamentamos nossa análise com contribuições teóricas da Análise do Discurso de linha francesa.

---

<sup>2</sup> Ver nota de rodapé na página 08.

## **2.2 Os sujeitos**

Os sujeitos, responsáveis pelos dados analisados no presente trabalho, participaram de uma pesquisa de campo que ocorreu durante a realização de um Projeto de Iniciação à Pesquisa Científica – PIBIC, (Cota 2011.1/2012.2)<sup>3</sup>. Dessa pesquisa, participaram dez profissionais. Desse grupo, selecionamos quatro que atuam em atividades distintas, sendo dois não graduados, (receptionista, serviços gerais) e dois graduados (advogado criminalista, administrador bancário), todos pertencentes à sociedade campinense (Campina Grande - PB). Cada um deles foi questionado através de um questionário contendo quatro (04) perguntas cada. O critério da seleção se deu a partir de uma avaliação nas respostas lançadas por cada participante, das quais, foram priorizadas as respostas mais coerentes e, que de certa forma, revelaram aspectos importantes quanto às questões levantadas.

Foi preciso estabelecer um contato pessoal com cada participante em seus respectivos ambientes de trabalho. Para isso, nos munimos de toda documentação necessária para obter a permissão da coleta de dados. Nesse sentido, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética da UEPB. Assim, cada participante dispôs de um termo de consentimento para a participação na pesquisa. Os dados foram coletados através da realização de uma entrevista (gravada e/ou escrita). A participação dos envolvidos na experiência foi muito proveitosa, pois contribuíram para a discussão a ser abordada.

## **2.3 A escolha da questão contemplada no questionário**

Entre as quatro questões constituintes do questionário, que estão disponibilizadas nos apêndices deste trabalho, selecionamos a que contempla o relato pessoal dos participantes quanto à sua prática com a escrita, desenvolvida no seu ambiente de trabalho. A partir da questão seguinte: “Como você vê a prática de escrita hoje na sociedade?”, temos o norte delineador dessa análise.

A presente questão direciona respostas que demonstram discursos atravessados por ideologias que circulam na sociedade atual. Contextualizamos, então, através da teoria da Análise do Discurso, nossa discussão, entendendo que apresentamos contribuições acerca das possíveis interpretações, em torno do lugar do texto escrito de natureza manual, mediante o advento da tecnologia na sociedade moderna.

---

<sup>3</sup> Ver nota de rodapé na página 08.

## CAPÍTULO III: ANÁLISE DOS DADOS

### 3.1. As condições da prática do escrever na sociedade

Apresentamos, neste capítulo, o *corpus* que constitui nossa análise, analisando-o a partir do embasamento teórico explanado no primeiro capítulo desse trabalho. Ao expormos os enunciados, preservamos a originalidade dos dados coletados, conforme as respostas apresentadas nos questionários escritos e/ou gravados. Para orientar nossa análise, utilizamos como codificação, para nos referirmos ao posicionamento de cada profissional, a seguinte nomeação: sujeito I, sujeito II, sujeito III e sujeito IV.

#### 3.1.1. Sujeito I - Profissional graduado (advogado criminalista)

*P. Como você vê a prática de escrita hoje na sociedade?*

*R. Em virtude do avanço da tecnologia, no uso dos computadores com seus aplicativos, ver-se nitidamente o abandono da prática da escrita pelo “copiar colar”, mas ainda há quem produza textos, principalmente os profissionais da área em que trabalho.*

No enunciado acima (recorte da entrevista escrita), percebe-se que o discurso, de certa forma, apresenta uma *formação discursiva*, constituída por uma *formação ideológica* voltada para a valorização do escrever texto como se aprende na escola. Ao mesmo tempo, o sujeito avalia o desprestígio desse conhecimento diante das mudanças sociais ao afirmar que, devido ao avanço tecnológico, a prática de escrita “... ver-se nitidamente o abandono...”, isto é, evidencia-se um discurso com tom de crítica ao abandono à prática do escrever. O sujeito I traz em seu discurso o signo “computador” como o instrumento responsável pela limitação da prática do escrever, haja vista que o equipamento possui “aplicativos” com funções de “copiar colar”, descompromissando o trabalho de se produzir texto escrito. No discurso, a crítica a essa limitação insinua a ideia de uma instauração de uma prática não produtiva de produção de texto.

O sujeito, ao enunciar-se, nesse ponto de vista, apropria-se de um discurso de avaliação negativa, pois acredita que o aprender a produzir texto está sendo substituído por movimentos mecanizados advindos da tecnologia, põe, assim, a responsabilidade no avanço dessa área. Ao mesmo tempo, chama a atenção para um grupo em específico que ainda faz uso da prática do escrever texto manualmente, enfatizando os profissionais de sua área ao exercerem tal atividade “... mas ainda há quem produza textos, principalmente os profissionais da área em que trabalho.”.

Essa observação reitera o fato de que os aspectos históricos, sociais e ideológicos determinam a produção do seu discurso, ou seja, o sujeito demonstra dificuldade para aceitar a instauração da escrita informatizada (produzida no computador), principalmente, pela influência da linguagem da Internet, logo, o sujeito está constituído conforme o discurso ideológico escolarizado que construiu sobre estrutura textual inserida em padrões considerados tradicionais. Esses padrões procuram distinguir e valorizar as diferentes modalidades quanto ao uso da escrita, conforme o que é certo e o que é errado.

Por outro lado, o dizer nesse enunciado pode sugerir o entendimento de que a prática do escrever da tradição, por ser “complicada”, tornou-se algo cansativo, e com o advento da tecnologia, a sociedade encontra novas maneiras de “driblar” os padrões já estabelecidos por sua formação escolar. “... no uso dos computadores com seus aplicativos, ver-se nitidamente o abandono da prática da escrita pelo ‘copiar’ ‘colar’...” Modo de dizer que sugere outro discurso: o reconhecimento do poder da informatização. Segundo Foucault (1995, p. 240), “a produção e a circulação de elementos significantes podem perfeitamente ter por objetivo ou por consequências efeitos de poder”. São relações de comunicação que implicam a realização de atividades que induzem efeitos de poder pelo fato de modificarem o campo de informação dos parceiros, o que traz “à tona” o fato de que o sujeito lida hoje com outra memória, a memória metálica.

De um modo ou de outro, o sujeito I utiliza estratégias discursivas que exibem um tom ora de exclusão, ora de contradição, ora de aceitação em sua resposta, quanto à instituição da informatização ao lado da escrita no papel. Isso acontece porque o *sujeito discursivo* é heterogêneo, logo, polifônico, em seu discurso há um entrecruzamento de outros discursos, como afirma Fernandes (2007), são “discursos em oposição, que se negam e se contradizem”. Parafraseando também, o que ressalta Orlandi (2007) sobre o *sujeito* para a AD, temos que, o mesmo funciona pelo inconsciente, assim como pela ideologia com a qual o sujeito se identifica, concorda, afirma ou refuta, e critica.

### **3.1.2. Sujeito II - Profissional graduado (administrador bancário)**

*P. Como você vê a prática de escrita hoje na sociedade?*

*R. Cada vez mais, as pessoas escrevem pior, falam pior. Talvez pela conversa dos dias atuais as pessoas tendem a usar linguagens da internet como um hábito, assassinando a gramática e a língua portuguesa. Muitas vezes me deparo com pessoas universitárias e que escrevem palavras básicas totalmente erradas e nem sequer consultam um dicionário na hora da dúvida.*

Podemos observar que o sujeito II, ao iniciar a sua resposta (entrevista escrita), faz uso de um discurso de avaliação negativa para responder sobre a prática do escrever, na atualidade, visível nas primeiras palavras ditas pelo sujeito: “Cada vez mais, as pessoas escrevem pior, falam pior...” O sujeito considera as formas de comunicação escrita utilizadas pelos meios informatizados, como grande colaboradora de “todo descuido” com a escrita, ratificando o ponto de vista evidenciado no enunciado do sujeito I. Trata-se da circulação e ressignificação da perspectiva tradicional de fundamento estrutural constituída pelo já-dito que, conforme Fernandes (2007, p. 65), evidencia uma *memória discursiva* que sustenta e historiciza uma visão conservadora, voltada para as regras do bom uso gramatical. Verifica-se isso em: “... Talvez pela conversa dos dias atuais as pessoas tendem a usar linguagens da internet como um hábito, assassinando a gramática e a língua portuguesa...”.

Ao considerarmos as expressões “pior” e “assassinando”, que o sujeito utiliza para se referir à forma como se encontra a escrita de modo geral, podemos afirmar que essas expressões evidenciam um posicionamento ideológico fundado na concepção tradicional de língua de prestígio: a escrita formal. Logo, há em torno dessas palavras a presença de *discursos* que se negam e se contestam. São discursos advindos de uma *memória discursiva*, constitutiva de uma exterioridade social, histórica, que envolve a interioridade do sujeito. Ou seja, o modo de dizer do sujeito, ao selecionar essas lexias de adjetivação negativa, reveste-se de subjetividade, revelando um posicionamento tendencioso, por ser pessoal, contribuindo para a produção de sentidos do texto. Dessa forma, ao utilizar marcas linguísticas com características de um discurso negativo, o sujeito II deixa em evidência uma *formação discursiva* e, conseqüentemente, uma *formação ideológica* que o motiva a “julgar” o modo de escrever e de falar por nossa sociedade.

Ainda observamos que, assim, o sujeito demonstra estar inserido em um *modelo autônomo de letramento*, como sendo, o modelo atrelado a princípios epistemológicos, da supervalorização das regras normativas. Modelo adotado pelas instituições escolares no processo de aquisição da leitura e escrita, que legitima/constitui os alicerces da escola.

O discurso do sujeito (em outra posição-sujeito) denuncia também a escrita realizada por estudantes universitários, alegando erros recorrentes “... Muitas vezes me deparo com pessoas universitárias e que escrevem palavras básicas totalmente erradas e nem sequer consultam um dicionário na hora da dúvida.” Esse dizer também evidencia uma posição ideológica que traz para discussão, questões em torno do ensino da Língua Portuguesa. Como está sendo o ensino nos dias atuais? Por que os estudantes chegam ao ensino superior escrevendo “errado”? Quem é o grande “culpado”, a metodologia ou o ensino? Os professores

são capacitados? No mundo atual, o sujeito precisa dominar um número nunca antes existente de gêneros textuais e em contextos e suportes também diversos, o que leva a uma formação de escrita que dispensa a especialidade em produzir determinados textos. Por essa razão, o sujeito II diz que, em sua área, os profissionais escrevem bem, o que se resume a um número pequeno de textos, muitos com a arquitetura textual fixa.

É possível perceber que o sujeito profissional sofre uma ilusão: a de que os estudantes em graduação, ou seja, os estudantes, inseridos em uma instituição acadêmica de ensino superior, devem apresentar um domínio do código, escrita formal sem falha, ideia que sustenta o lugar de poder na sociedade, da escola, assumido por um grupo social (Universidade) que apresenta uma determinada característica de *status*, discurso institucionalizado pela sociedade, construído em um contexto histórico social e determinado por condições de produção específicas (ideologia). O sujeito II, profissionalmente, é também um sujeito produto desse contexto institucionalizado, mas no seu dizer, esse sujeito profissional coloca-se como sujeito social, cujo dizer enunciativo sugere ter sido privilegiado por um ensino sem “falhas”, isto é, o não dito que parece se evidenciar no já-dito, dizer, acima, focalizado.

### 3.1.3 Sujeito III - Profissional não graduado (repcionista)

*P. Como você vê o uso da escrita na sociedade?*

*R. Bem... Muitas falhas por conta da do avanço tecnológico muitos é mais e-mail, abreviações e com isso a escrita já deixa de ser, já fica a desejar porque com isso ah:: (xxx) esses alunos de nível fundamental, ensino médio, muitos deles nem saber escrever (+) não sabem por conta dessa nova tecnologia da própria internet que é tudo abreviado entendeu? Então com isso há falhas na nossa escrita mas que é uma um avanço precisa sim ter a escrita como era antigamente precisa! Até pra quê quando agente vai prestar um concurso, agente tem muita dificuldade nisso, fazer um... relatório, fazer uma redação, a dificuldade aparece aí.*

No enunciado apresentado acima pelo sujeito profissional III (recorte de entrevista gravada), é possível perceber, a concepção sobre a prática do escrever descrita como sendo “deficiente”, e o discurso sobre a tecnologia, como mais uma vez considerada culpada pelos problemas existentes, “... Muitas falhas por conta da do avanço tecnológico muitos é mais e-mail, abreviações e com isso a escrita já deixa de ser, já fica a desejar...”. Ponto de vista já sinalizado nos dizeres do sujeito I e sujeito II, posicionamento sedimentado na formação discursiva referente à concepção formal da escrita.

Percebemos, ainda, neste mesmo dizer que a insistência em culpar a tecnologia, o computador e, especificamente, a internet como responsáveis por “modificar” a escrita,

prejudicando-a e alienando os estudantes jovens, quanto ao seu modo particular de produzir escrita, “... (xxx) esses alunos de nível fundamental, ensino médio, muitos deles nem saber escrever (+) não sabem por conta dessa nova tecnologia da própria internet que é tudo abreviado entendeu?...” comprova que o sujeito demonstra um desconhecimento sobre as diversas modalidades de escrita, hoje, incluindo a escrita utilizada no computador. Ou seja, o sujeito está “preso” aos modelos tradicionais de escrita, uma tradição imposta pela escola, que se evidencia como lugar de poder na sociedade. A esse modo de se referir à escrita, denominamos como duas formas de escrita: a *escrita manual*, representada pela tradição escolar, caracterizando as normas gramaticais, o bem escrever; e a *escrita informatizada*, utilizada pelo computador, controlada por programas vinculados à mecânica da computação.

Orlandi (2007) explica, através da AD, a possibilidade de essas diferenças fazerem sentido ao demonstrar a não equivalência de textos, referindo-se à *memória histórica* (interdiscurso), ao se produzir uma escrita manual, assim como a *memória metálica* (informatização dos arquivos), aquela produzida pela escrita no computador. Do ponto de vista do letramento, o sujeito III demonstra está inserido em um *modelo autônomo*, noção de letramento para o qual se considera a forma, a organização estrutural do texto, etc., desconsiderando todo o contexto sociocultural de sua produção, concepção também, visível nos enunciados dos sujeitos I e II.

O sujeito III, não desconsidera totalmente a tecnologia, logo, o mesmo sabe que há necessidade de uso desses avanços, “... há falhas na nossa escrita mas que é uma uma um avanço...”, principalmente, quando se trata do uso profissional, é como o caso do recepcionista que faz uso dos dois tipos de escrita em seu ambiente de trabalho, tanto a escrita que se liga à história (a manual), como a escrita ligada à competência técnica. Esse deslocamento do sujeito possibilita também, modos diferentes de interpretação, ou seja, uns textos ligam-se à história, outros à informatização dos arquivos, e, devido à mudança da materialidade dessas *memórias discursivas*, assim como dos modos de interpretação, ocorre uma transformação na relação do sujeito com a sua escrita, pois o sujeito que utiliza a escrita manual integra uma *formação discursiva* que o desafia a se relacionar com outros discursos, em outros lugares, como o da escrita informatizada. Esse movimento social do sujeito, é uma exigência da posição que assume no trabalho, produzindo modos de subjetividade desse sujeito que o evidencia como sujeito social, heterogêneo, multifacetado.

Assim, no mesmo enunciado, o sujeito evidencia a presença de uma *memória discursiva* acerca de uma concepção de escrita de caráter estruturalista, “... precisa sim ter a escrita como era antigamente precisa!...”, modo de dizer de um sujeito discursivo que

caracteriza a escola como centralizadora de todo o saber, discurso esse que representa em sua voz, marcas de temporalidade, de história, de cultura.

Além do mais, o que é dito pelo sujeito III determina uma *formação discursiva* que tem a escrita como imposição, como representação da prática social necessária à organização do trabalho humano, como documento disciplinador de vida, das ações, de cultura do trabalho burocratizado, “... Até pra quê quando agente vai prestar um concurso, agente tem muita dificuldade nisso, fazer um... relatório, fazer uma redação, a dificuldade aparece aí.”.

Há, portanto, um sujeito, que se desloca no discurso e em uma organização simbólica (língua) para expressar os sentidos através do que diz. Esses dizeres focalizam um modo de interpretar uma verdade como única, de que o processo formal de aprendizagem é o ideal a ser seguido.

### 3.1.4 Sujeito IV - Profissional não graduado (serviços gerais)

*P. Como você vê o uso da escrita hoje na sociedade?*

*R. Eu acho que... é muito bom a escrita hoje né? Pra quem já teve estudo né? Quem estudou eh:: eu acho que, a leitura foi muito boa né? Pra quem (+) quer arrumar um emprego que preste, um emprego melhor pra ganhar bem... eu acho assim né? Quem teve chance na vida, teve né? Quem não teve ficou assim (+) mais frágil né? Pra arrumar as coisa na vida, sofre um pouquinho a mais... eu acho assim.*

O sujeito IV inicia sua resposta (entrevista gravada), caracterizando o processo de escrita como algo fundamental à vida profissional e cotidiana “Eu acho que... é muito bom à escrita hoje né?”, ao mesmo tempo, o sujeito delimita a prática do escrever a um grupo restrito “... pra quem já tem estudo né? Quem estudou...”, o qual evidencia a valorização de se adquirir a escrita, logo, a ideia que emerge de seu dizer é a de que ele próprio esteja “fora” deste grupo, portanto, não há como adquirir boas oportunidades na vida, o sujeito denuncia o discurso da inclusão e o da exclusão. Trata-se de uma valorização do saber escolarizado como o saber que promove a mudança social, logo, é esse saber que impõe poder. Discurso ideológico com o sentido de que para se dar bem na vida precisa ter estudos, discurso que circula e mantém a sociedade atual.

Persiste, portanto, uma *formação ideológica* inserida em uma conjuntura sócio-histórica que, segundo Dantas (2007), são *discursos* desenvolvidos de acordo com o ambiente cultural e/ou lugar social de cada indivíduo. Percebemos isso, quando o sujeito entrevistado evidencia no seu discurso a imagem de um sujeito social fragilizado, talvez, incapaz de romper as barreiras sociais por não ter desenvolvido suas habilidades com a escrita. Assim, seu dizer traz a questão da inclusão em relação àqueles que fazem uso da escrita como meio

para ascensão na vida profissional. É o que se vê em: “... eh:: eu acho que, a leitura foi muito boa né? Pra quem (+) quer arrumar um emprego que preste, um emprego melhor pra ganhar bem... eu acho assim né? (...)”, e da exclusão para àqueles que não têm esse conhecimento.

Conforme nos revelam os dados, são dizeres em que o sujeito evidencia, em seus enunciados, lamentações por não ter seguido a vida escolar: “... que quem teve chance na vida teve né? Quem não teve ficou assim (+) mais frágil né?...” São visíveis também, no mesmo enunciado, as condições de produção do discurso que já é, em si, determinado pelo “lugar” e/ou “posição” que ocupa para ser sujeito do que diz, é por meio desta posição que ocupa (funcionário de serviços gerais), que o *sujeito discursivo* constitui seu discurso: “... Pra arrumar as coisa na vida, sofre um pouquinho a mais... eu acho assim.”.

Isso comprova que a escrita ocupa um lugar de poder, participação e exclusão na sociedade, caracterizando as relações sociais. Tfouni (2002, p.14) relata a escrita como uma das causas do aparecimento das civilizações modernas, tanto no campo científico e tecnológico como no campo psicossocial da sociedade.

Em outras palavras, a escrita produzida por profissionais e pela sociedade em geral, não deve ser avaliada, apenas, por sua forma, mas é preciso compreender que discurso envolve esta escrita, quem a produz, o lugar social, o espaço, o tempo, a história.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises dos discursos apresentados pelos sujeitos profissionais graduados e não graduados, observamos que todos evidenciam com ênfase em seus discursos a importância da prática do escrever mesmo “fora” do ambiente escolar. São reflexões que procuram responder ao objetivo a que nos propomos: discutir sobre a prática do escrever e seu diálogo com a informatização. Refletimos também sobre a importância de se conhecer os diversos modos de utilizar a escrita no papel em confronto com a escrita informatizada.

Observamos os pontos de vista dos sujeitos envolvidos, analisando o discurso constitutivo de suas respostas, e o modo como compreendem a escrita, buscamos principalmente, através do confronto desses discursos, observar como a prática do escrever acontece em ambientes profissionais de trabalho. Evidenciamos que o primeiro e o segundo sujeitos analisados, se posicionaram como sendo a favor da valorização do escrever conforme aprenderam na escola e demonstraram rejeição a instauração da escrita informatizada. Já o terceiro sujeito demonstra estar preso aos modelos tradicionais de escrita, porém, necessita se adequar aos avanços culturais da escrita para um bom desempenho profissional. Quanto à análise discursiva, referente ao enunciado do quarto sujeito analisado, destacamos uma valorização do saber escolarizado, o saber que impõe poder e boa qualidade de vida.

Destacamos que, para todos os envolvidos, a escrita é considerada indispensável para a vida em sociedade, principalmente, para as necessidades da comunicação, porém, institucionalizada em uma perspectiva tradicional, com valorização das regras gramaticais, prática desenvolvida na escola contrapondo as diversas modalidades de escrita, hoje, existentes. Isto porque, como verificamos, os sujeitos estão inseridos em uma conjuntura sócio-histórico-ideológica, seus dizeres não são unidades fechadas, pois possuem relações com a exterioridade.

Comprovamos essas considerações, lembrando como o *sujeito* na concepção da Análise do Discurso é entendido, um *sujeito* “falando”, constituído por um conjunto de vozes sociais, funciona pelo inconsciente e pela ideologia. Nos enunciados analisados, o modo como essa concepção acontece demonstra ser fundamental para o entendimento dos sujeitos entrevistados, sendo a escrita o objetivo principal questionado.

Portanto, finalizamos nossos estudos afirmando que, mesmo que os sujeitos façam parte de áreas distintas de trabalho, estes corroboram com a mesma visão do escrever textos, como instrumento fundamental para o contexto social, afirmando que a base tradicional

contemplada no contexto escolar perdura até hoje, mesmo nos ambientes profissionais e, em meio aos avanços tecnológicos.

Acreditamos que o direcionamento teórico da Análise do Discurso possa contribuir para gerar conhecimentos e novas reflexões sobre a prática do escrever textos nas escolas, colaborando na discussão em torno da formação profissional. Sabemos que não é fácil evoluir conforme os avanços tecnológicos, mas podemos, ao menos, tentar nos adequar às mudanças que a inserção desses avanços produz, principalmente, quanto à escrita que se apresenta em constante transformação adquirindo novas modalidades que evoluem mediante as necessidades sociais.

## REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. Tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão e revisada por Marina Appenzeller. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- DANTAS, Aloísio de Medeiros. **Sobressaltos do discurso: Algumas aproximações da análise do discurso**. Campina Grande: EDUFPG, 2007.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões Introdutórias**. 2. ed. São Paulo: Claraluz, 2007.
- FOUCAULT, MICHEL. **Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- GERALDI, J. W. **Portos de Passagem**. 4. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- KLEIMAN, Angela B. (org). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.
- MOITA LOPES, Luís Paulo da. **Pesquisa Interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução**. DELTA, vol. 10, nº 2, 1994, p. 329 – 338.
- MUSSALIM, Anna Christina Bentes (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 5. ed. \_ São Paulo: Cortez, 2006.
- ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Discurso e leitura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros/ Magda Soares**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. 128 p.
- TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização**. São Paulo. Cortez, 2002 – Coleção Questões da Nossa Época, v. 47.

# APÊNDICES

### Intervenção escrita (profissionais graduados)

- a) Como é a sua prática de escrita no seu cotidiano de trabalho?
- b) A escrita de textos é uma exigência, condição para seu desempenho?  
Como assim?
- c) Como você entende a contribuição de sua escolaridade para o domínio do texto que escreve?
- d) Como você vê a prática de escrita hoje na sociedade?

1) Meu trabalho atual não exige muito da minha escrita. Exerço a função de caixa numa instituição financeira, o que exige de mim, atenção e organização, pois lido com valores de terceiros todos os dias.

2) Não, mas foi determinante na minha admisão. Fiz seleção com outras pessoas e na prova usamos muita escrita.

3) Foi fundamental a minha vida escolar na formação que tenho hoje. Acho que o fato de ter estudado em escola particular também ajudou na boa base de escrita que tenho hoje. Sei escrever as linguagens e escritas utilizadas para se comunicar através da internet. Gosto de teclar, mas procuro escrever da mesma forma que escrevo no trabalho ou no MBA que faço há 1 ano.

Me considero melhor escrevendo do que falando.

4) Cada vez mais, as pessoas escrevem pior, falam pior. Talvez pela conveniência dos dias atuais as pessoas tendem a usar linguagens da internet como um hábito, assassinando a gramática e a língua portuguesa. Muitas vezes me deparo com pessoas universitárias e que escrevem palavras bonitas e totalmente erradas e sem sequer consultarem um dicionário na hora da dúvida.

- a) Como é a sua prática de escrita no seu cotidiano de trabalho?
- b) A escrita de textos é uma exigência, condição para seu desempenho?  
Como assim?
- c) Como você entende a contribuição de sua escolaridade para o domínio do texto que escreve?
- d) Como você vê a prática de escrita hoje na sociedade?

### Respostas

- a) A profissão que exerceo é a advocacia. No cotidiano costumamos elaborar petições, documentos direcionados ao Poder Judiciário. ~~As petições são digitadas no computador e impressas, não utilizando assim. Assim costumamos produzir textos.~~
- b) Sim. É imprescindível fazer requerimentos, devidamente fundamentado, por escrito, para poder pleitear qualquer direito junto ao judiciário.
- c) Na área em que trabalho, mensuro o conteúdo da língua portuguesa, mas especificamente, esse conteúdo não irá valer se expressar quando da busca do objeto que persegue. A relevância é fundamental.
- d) Que virtude do avanço da tecnologia, no uso dos computadores com suas aplicações, vem a fundamentar o abandono da prática da escrita pela "copiar colar". Na escrita há quem produza textos, principalmente os profissionais da área em que trabalho.

Intervenção gravada e transcrita (profissionais não graduados - recepcionista)

**1) VOCÊ ESCREVE TODOS OS DIAS, NOS SEU TRABALHO?**

Sim, não só escrevo como também uso o computador, tem um programa... que agente é... faz as fichas entendeu? mais também não deixa de escrever... escrevemos MUITO até.

**2) A ESCRITA DE TEXTOS É UMA EXIGÊNCIA, PARA VOCÊ REALIZAR SUAS TAREFAS?**

Sim é (xxx) a empresa ela ela tem como abrangir isso aí porque agente é precisa de relatos do nosso plantão entendeu? então agente no final do expediente agente relata todo o acontecimento que houve das doze horas... do caso do meu plantão.

**3) COMO VOCÊ ACHA QUE A ESCOLA CONTRIBUIU PARA VOCÊ SABER ESCREVER O QUE PRECISA NO SEU TRABALHO?**

Sim, contribuiu porque eu aprendi... a nível de segundo grau escrever basicamente o que eu preciso no meu trabalho, não tem certas exigências tipo... eh:: nível superior pra fazer o que eu faço da própria escrita em relatórios.

**4) COMO VOCÊ VÊ O USO DA ESCRITA HOJE NA SOCIEDADE?**

Bem... muitas falhas por conta da do avanço tecnológico muitos é mais e-mail, abreviações e com isso a escrita já deixa de ser, já fica a desejar porque com isso ah:: (xxx) esses alunos de nível fundamental, ensino médio, muitos deles nem saber escrever (+) não sabem por conta dessa nova tecnologia da própria internet que é tudo abreviado entendeu? então com isso há falhas na nossa escrita mas que é uma uma um avanço precisa sim ter a escrita como era antigamente precisa! até pra quê quando agente vai prestar um concurso, agente tem muita dificuldade nisso, fazer um... relatório, fazer uma redação, a dificuldade aparece aí.

Intervenção gravada e transcrita (profissionais não graduados – serviços gerais)

**1) VOCÊ ESCREVE TODOS OS DIAS, NO SEU TRABALHO?**

Não.

**2) A ESCRITA DE TEXTOS É UMA EXIGÊNCIA, PARA VOCÊ REALIZAR SUAS TAREFAS?**

Eu acho que não, preciso não.

**3) COMO VOCÊ ACHA QUE A ESCOLA CONTRIBUIU PARA VOCÊ SABER ESCREVER O QUE PRECISA NO SEU TRABALHO?**

Eu acho que(+) eu aprendi fazer meu nome, é eu aprendi lê não muito mais... pouco né? Mais Deus me deu alguma inteligência, pouquinho mais me deu né? eu acho só isso.

**4) COMO VOCÊ VÊ O USO DA ESCRITA HOJE NA SOCIEDADE?**

▼ Eu acho que... é muito bom a escrita hoje né? pra quem já tem estudo né? quem estudou eh:: eu acho que, a leitura foi muito boa né? pra quem(+) quer arrumar um emprego que preste, um emprego melhor pra ganhar bem... eu acho assim né? que quem teve chance na vida, teve né? quem não teve ficou assim(+) mais frágil né? pra arrumá as coisa na vida, sofre um pouquinho a mais... eu acho assim.